



O pensamento de Ruy Mauro Marini e a atualidade do conceito de superexploração do trabalho

Fábio Marvulle Bueno*

Raphael Lana Seabra**

Ruy Mauro Marini foi um dos mais destacados teóricos que participaram do esforço de elaboração da Teoria Marxista da Dependência (TMD), uma tentativa de interpretação da América Latina que se contrapõe àquelas feitas pelos estruturalistas cepalinos e partidos comunistas.

Ao analisar a especificidade das relações de produção estabelecidas na América Latina como decorrentes da inserção do continente no circuito mundial de reprodução do capital, Marini destacou o papel central na configuração, desenvolvimento e manutenção do capitalismo dependente desempenhado pela superexploração do trabalho, a qual

(...) se define mais pela maior exploração da força física do trabalhador, em contraposição à exploração resultante do aumento de sua produtividade e tende normalmente a expressar-se no fato de que a força de trabalho se remunera por baixo de seu valor real. (MARINI, 2000: 160)

* Doutorando pelo IE/Unicamp. End. eletrônico: fmbuenobr@yahoo.com.br

** Doutorando pelo SOL/UnB. End. eletrônico: raphalseabra@hotmail.com

Mais do que apresentar-se a como um conceito chave para o entendimento da obra teórica de Marini, a superexploração do trabalho abre novos horizontes para o entendimento das formas específicas que a condição de dependência assume na atualidade, bem como das transformações gerais pelas quais o Mundo do Trabalho vem passando nas últimas décadas, impulsionando uma recente literatura que confere um papel explicativo central à superexploração (VALÊNCIA, 2009; GRACIOLLI & DUARTE, 2009; AMARAL & CARCANHOLO, 2009; CARCANHOLO, 2008).

Devido às perspectivas teóricas pouco exploradas do conceito, bem como a sua afirmação na condição chave em trabalhos recentes, o resgate e a disseminação da noção de superexploração do trabalho pode suscitar dúvidas e incompreensões que contribuam não só para a distorção do conceito de superexploração, mas também para vulgarizar a obra de Marini.

A intenção deste texto, além de sugerir a atualidade da superexploração do trabalho, é circunscrever a relação do conceito com a condição de dependência e sistematizar os principais elementos teóricos constitutivos da superexploração, contribuindo para dirimir algumas lacunas que dificultem a disseminação do conceito.

As dimensões do conceito de superexploração

Uma correta compreensão do conceito de superexploração do trabalho passa pela percepção de quatro elementos ou dimensões teóricas constitutivos interligados.

O primeiro elemento constitutivo da superexploração do trabalho é a forma singular de abarcar a produção e apropriação de mais-valia, cujo foco não é a relação entre os tempos de trabalho necessário e excedente, usado por Marx para esclarecer as modalidades de mais-valia absoluta (aumento do tempo de trabalho excedente sem alterar o tempo de trabalho necessário) e relativa (aumento do tempo de trabalho excedente pela diminuição do necessário), mas sim a burla da lei do valor (troca entre mercadorias de valores equivalentes¹) na compra da mercadoria força de trabalho.

É da negação da troca de mercadorias de mesmo valor que a superexploração do trabalho retira sua singularidade teórica, implicando que a remuneração do trabalhador na forma salário não corresponda ao custo de reposição da força de trabalho.

1 "Teoricamente, o intercambio de mercadorias expressa a troca de equivalentes, cujo valor se determina pela quantidade de trabalho socialmente necessário que as mercadorias incorporam" (MARINI, 2000:151).

Como bem demonstra Osório (2004), Marx se refere diversas vezes à ocorrência concreta da remuneração do trabalhador abaixo do valor da força de trabalho em *O Capital*, mas não toma o fato em análise, já que sua preocupação na referida obra é demonstrar a origem da mais-valia no âmbito da produção², e não no âmbito da circulação pela diferença dos preços de compra e venda das mercadorias.

O foco na troca de não equivalentes envolvendo a mercadoria força de trabalho implica que i) o conceito de superexploração não figura em *O Capital*, e ii) o aumento do valor da força de trabalho é um importante elemento na remuneração da força de trabalho abaixo de seu valor. Segundo Marini,

(...) cualquier variación en la magnitud extensiva o intensiva del trabajo hace variar en el mismo sentido el valor de la fuerza de trabajo. La prolongación de la jornada y el aumento de la intensidad del trabajo acarrean un mayor gasto de fuerza física y, pues, un desgaste mayor, que, dentro de ciertos límites, incrementa la masa de medios de vida necesarios a su reposición. Los métodos de superexplotación arriba mencionados (...) implican, pues, una elevación del valor de la fuerza de trabajo. (MARINI, 1978).

Ou seja, a manipulação da força de trabalho no processo produtivo, elevando seu valor, contribui para a superexploração, mesmo que o preço da força de trabalho na forma salário não seja rebaixado. Esta dimensão mostra, de forma contundente, que o conceito de superexploração encerra a dimensão da produção como foco de análise, e não a dimensão da circulação, como a princípio o envolvimento do preço da força de trabalho na discussão daria a entender.

O segundo elemento constitutivo da superexploração, o desgaste da força de trabalho, decorre diretamente da burla da lei do valor e da elevação da força de trabalho da acima mencionada. Segundo Marini,

O fato de que se nega ao trabalhador as condições necessárias para repor o desgaste de sua força de trabalho (...) porque ele é obrigado a um dispêndio de força de trabalho superior ao que deveria proporcionar normalmente, provocando-se assim seu esgotamento prematuro; [ou ainda] (...) porque se retira dele inclusive a possibilidade de consumir o estritamente indispensável para conservar sua força de trabalho em estado normal (MARINI, 2000: 126).

2 A ideia do desvio do valor das mercadorias em relação ao trabalho socialmente necessário contido aparece no Livro III, quando Marx introduz a ideia de preços de produção e mostra como a Lei do Valor age em situações de distintas taxas médias de lucro e composições orgânicas dos capitais individuais, levando à uma redistribuição da mais-valia entre os capitalistas.

O maior desgaste da força de trabalho no processo produtivo e a consequente remuneração da última abaixo de seu valor estabelecem uma intrincada relação com os conceitos de mais-valia absoluta e relativa. Por um lado, a ideia de superexploração do trabalho não está plenamente contida, ou ainda se confunde³, com tais conceitos:

(...) o conceito de superexploração não é idêntico ao de mais-valia absoluta, já que inclui também uma modalidade de produção de mais-valia relativa – a que corresponde o aumento da intensidade do trabalho. Por outro lado, a conversão de parte do fundo de salário em fundo de acumulação de capital não representa rigorosamente uma forma de produção de mais-valia absoluta, dado que afeta simultaneamente os dois tempos de trabalho no interior da jornada laboral e não só ao tempo de trabalho excedente, como acontece com a mais-valia absoluta. (MARINI, 2000: 159).

Por outro lado, a superexploração do trabalho abarca ou apresenta intersecção com determinadas modalidades de extração de mais-valia que se enquadram nas categorias absoluta e relativa descritas por Marx, mais especificamente, o aumento da jornada de trabalho, no primeiro caso, e a intensificação do trabalho, no segundo. Consideramos tal intersecção como o terceiro elemento constitutivo do conceito de superexploração do trabalho:

O aumento da intensidade do trabalho aparece, nesta perspectiva, como um aumento da mais-valia, conseguida através de uma maior exploração do trabalhador e não do incremento de sua capacidade produtiva. O mesmo se poderia dizer da prolongação da jornada de trabalho, isto é, do aumento da mais-valia absoluta em sua forma clássica.(...) Dever-se-ia observar, finalmente, um terceiro procedimento, que consiste em reduzir o consumo do operário além de seu limite normal pelo qual ‘o fundo necessário do operário se converte de fato, dentro de certos limites, em fundo de acumulação do capital’, implicando assim um modo específico de aumentar o tempo de trabalho excedente. (MARINI, 2000: 124-125).

O trecho acima mostra que o conceito de superexploração do trabalho articula também uma modalidade peculiar de extração de mais-valia, em que a burla da lei do valor apoia-se mais intensamente na diminuição ou contenção do preço (salário) da força de trabalho do que no aumento do valor da última.

3 Realmente existe uma passagem da obre Subdesenvolvimento e Revolução, anterior a conceituação e exposição mais elaboradas da superexploração feitas em Dialética da Dependência, que dá margens para vislumbrar a superexploração contidas nos conceitos de mais-valia relativa e absoluta: "(...) En otros términos, el aumento del tiempo de trabajo excedente tiende a realizarse sin alterar de hecho el tiempo de trabajo necesario, sino más bien dejando de restituir al obrero el valor que crea en el marco de este último; así, lo que parece ser plusvalía relativa es, a menudo, un caso anómalo de plusvalía absoluta" (MARINI, 1974:115).

Esta modalidade de superexploração do trabalho mantém a relação entre tempo de trabalho necessário e excedente, sob o ponto de vista do processo produtivo, mas eleva o montante de mais-valia apropriado pelo capitalista, pois este toma parte do fundo de consumo do trabalhador que corresponderia a plena reposição do desgaste da força de trabalho. Este processo traduz-se na preocupação da superexploração do trabalho com a massa de mais-valia, e não necessariamente com a taxa de mais-valia, quarto elemento constitutivo do conceito:

(...) [la superexplotación del trabajo] implica que, sin variación del valor unitario, aumente la masa de valor producido y/o apropiado por el capitalista, ambos casos implicando aumento de la cuota de plusvalía. El aumento del valor apropiado, sin aumento de la masa de valor producido, corresponde a la reducción del salario sin una reducción equivalente del tiempo de trabajo necesario para que el obrero reponga el valor del mismo; el aumento de la masa de valor producido y apropiado resulta del aumento de la masa de trabajo rendido por el obrero, vía prolongación de la jornada de trabajo o intensificación del trabajo. En su concepto, la superexplotación se expresa pues en el incremento de la cuota de plusvalía sobre la base de una masa mayor de plusvalía y un valor unitario constante; (MARINI, 1978).

Portanto, o conceito de superexploração do trabalho articula diversas modalidades de extração de mais-valia, centra-se na evasão da lei do valor da mercadoria força de trabalho, destacando o papel dos salários abaixo do valor da força de trabalho e da centralidade da busca de uma maior massa em relação à taxa de mais-valia. Este último elemento é derivado diretamente da formulação de Marini sobre a condição de dependência e o papel da superexploração nesta.

Superexploração e dependência

Na formulação de Marini (2000,1974), a condição de dependência leva a que a burguesia dependente apele para a superexploração do trabalho como forma de amenizar os efeitos da transferência de valor, por meio da chamada troca desigual⁴, para os países do centro capitalista.

4 (...) convém distinguir os mecanismos [de transferência de valor] que operam no interior de uma mesma esfera de produção (...) e os que atuam no marco de distintas esferas que se inter-relacionam. (...) No segundo caso (...) umas produzem bens que as outras não produzem, ou não o fazem com a mesma facilidade, permite que as primeiras (...) vendam seus produtos a preços superiores a seu valor, configurando assim uma troca desigual. Isso implica que as nações desfavorecidas devem ceder gratuitamente parte do valor que produzem, e que essa cessão ou transferência seja acentuada em favor daquele país que lhes venda mercadorias a um preço de produção mais baixo, em virtude de sua maior produtividade (...) frente a esses mecanismos de transferência de valor (...) podemos identificar (...) um mecanismo de compensação. Trata-se do recurso ao incremento do valor trocado, por parte da nação

Ou seja, entre o aumento da produtividade do trabalho por meio da incorporação de progresso técnico (com a consequente elevação da composição orgânica) e o aumento do valor unitário das mercadorias pelo aumento da fração relacionada ao trabalho vivo (capital variável), ligando-se à dimensão de preocupação com a massa de mais-valia citada na seção anterior, opta-se pela última e consequentemente pela superexploração.

(...) não buscam tanto corrigir o desequilíbrio entre os preços e o valor de suas mercadorias exportadas (...), mas procuram compensar a perda de renda gerada pelo comércio internacional por meio do recurso de uma maior exploração do trabalhador (MARINI, 2000: 122).

O fato da burguesia implementar a superexploração do trabalho, marcando profundamente as relações de produção nas formações sociais dependentes, não implica que a superexploração seja derivada exclusivamente da dependência ou da troca desigual.

Nas palavras de Marini,

(...) la superexplotación del trabajo es acicateada por el intercambio desigual, pero no se deriva de él, sino de la fibre de ganancia que crea el mercado mundial, y se basa fundamentalmente en la formación de una sobrepoblación relativa. (MARINI, 1978)

(...) no es en rigor necesario que exista el intercambio desigual para que empiecen a jugar los mecanismos de extracción de plusvalía mencionados; el simple hecho de la vinculación al mercado mundial, y la conversión consiguiente de la producción de valores de uso a la de valores de cambio que ello acarrea, tiene como resultado inmediato desatar un afán de ganancia que se vuelve tanto más desenfrenado cuanto más atrasado es el modo de producción existente (...) El efecto del intercambio desigual es —en la medida que le pone obstáculos a su plena satisfacción— el de exacerbar ese afán de ganancia y agudizar por tanto los métodos de extracción del trabajo excedente. (MARINI, 1991a)

La relación positiva entre el aumento de la fuerza productiva del trabajo y la mayor explotación del trabajador, que adquiere un carácter agudo en la economía dependiente, no es privativa de ella, sino que hace al modo de producción capitalista en sí mismo. (MARINI, 1991b)

Ao não existir uma relação de causalidade necessária entre dependência e superexploração do trabalho, a última passa a se mostrar como uma dimensão de relação entre capital e trabalho possível nos mais diversos momentos históricos e formações sociais.

Portanto, a tese de que “*o fundamento da dependência é a superexploração do trabalho*” (MARINI, 2000: 165) não nega a existência conjuntural da

desfavorecida: sem impedir a transferência operada pelos mecanismos já descritos, isso permite neutraliza-la total ou parcialmente mediante o aumento do valor realizado. (MARINI, 2000:120-121)

superexploração nas economias centrais. A questão é que nas economias dependentes ela se encontra no centro da acumulação, não sendo, portanto nem conjuntural nem tangencial à sua própria dinâmica capitalista (OSÓRIO, 2004).

A atualidade do conceito de superexploração

Um bom número de trabalhos teóricos e empíricos que versam sobre a “acumulação flexível” ou “reestruturação produtiva” também aportam elementos da superexploração ao centro do debate nas Ciências Sociais.

Muitas das recentes transformações do Mundo do Trabalho trazem elementos explicitados pela ideia de superexploração do trabalho. Basta notarmos que a discussão da precarização e flexibilização das relações trabalhistas (VASAPOLLO, 2005), bem como das novas formas de organização e gestão do processo de trabalho e seus efeitos na organização dos trabalhadores (ANTUNES, 2003), desembocam, em maior ou menor grau, naquilo que Dal Rosso (2008) constata como o elemento comum às mais diversas condições de trabalho no capitalismo contemporâneo, a intensificação do trabalho⁵, dimensão esta constitutiva do conceito de superexploração do trabalho. Segundo Harvey (2004: 175), “*a acumulação flexível parece enquadrar-se como uma recombinação simples de duas estratégias de procura de lucro (mais-valia) definidas por Marx*”, reforçando a ideia da articulação, no conceito de superexploração, de diversas modalidades de extração de mais-valia.

Marini (1982) já apontava a disseminação da superexploração nos países do centro capitalista no início da década de 1980, quando a reestruturação neoliberal de Margareth Thatcher (Inglaterra) e Ronald Reagan (Estados Unidos) tomava corpo. Atualmente, trabalhos como o de Valência (2009) adotam a ótica da superexploração para analisar o processo de consolidação de novas periferias na economia mundial, com especial foco na integração dos países do Leste Europeu à economia da União Europeia, mostrando o processo disseminação das relações de trabalho regidas pela superexploração por todo o continente europeu.

Sugerindo uma importante influência da superexploração do trabalho (trajetória do salário real e do exército industrial de reserva, aumento da intensidade do trabalho) nos rumos da política sindical brasileira, Gracioli e Duarte (2009) analisam as transformações recentes do movimento sindical

5 “(...) condição pela qual requer-se mais esforço físico, intelectual e emocional de quem trabalha com o objetivo de produzir mais resultados, consideradas constantes a jornada, a força de trabalho empregada e as condições técnicas” (DAL ROSSO, 2008: 42).

no Brasil, com especial foco na trajetória da Central Única dos Trabalhadores – CUT.

No caso da América Latina, Martins (1999) realiza uma interpretação histórica do processo de industrialização do continente a partir da superexploração. Já Borba e Casseb (2009), ao debaterem as formas de mais-valia predominantes na história do capitalismo brasileiro, concluem que os processos constitutivos da superexploração do trabalho (mesmo não se referindo nominalmente ao conceito) impedem a predominância da mais-valia relativa no capitalismo brasileiro.

Amaral e Carcanholo (2009) demonstram que a acumulação de capital nas economias periféricas, pautadas na massa de mais-valia, levam ao aumento do exército industrial de reserva, reforçando a prática da superexploração do trabalho. Já Carcanholo (2008) mostra que o aprofundamento da condição dependente da periferia em meio à instauração do neoliberalismo nas últimas décadas, recoloca a superexploração na ordem do dia para o capitalismo dependente.

A constatação de que a superexploração do trabalho oferece recursos analíticos para o entendimento de amplos processos sociais, que vão do aumento da intensidade do trabalho, passando pela disseminação pelos países europeus, pela influência no sindicalismo brasileiro, pela impossibilidade de vigência da mais-valia relativa no capitalismo brasileiro, chegando até a funcionalidade na instauração do neoliberalismo nos países da periferia, reforça a atualidade do conceito.

Entretanto, por maior que seja a acurácia da superexploração do trabalho em muitas análises, existem muitos desafios e desenvolvimentos à que o conceito deve ser confrontado. A superexploração ainda mantém o mesmo papel de direcionar, nos países dependentes em geral, o circuito de reprodução do capital para a realização no exterior? E especificamente naquele grupo de países subimperialistas (MARINI, 1974), a exemplo de Brasil? Como o conceito contribui para o entendimento da desconcentração da renda do trabalho e diminuição do desemprego, presenciadas nos últimos anos no Brasil?

Conclusão

Mais do que o crescente número de trabalhos que adotam o conceito de superexploração, ou mesmo daqueles trabalhos que destacam elementos coincidentes ao abordados pela superexploração sem nela se apoiar formalmente, a atualidade do conceito reside em possibilitar uma análise certa das tendências de mudanças engendradas pelo capitalismo contemporâneo.

A evasão da lei do valor com a mercadoria força de trabalho e o maior desgaste desta com a intensificação do trabalho, elementos presentes no conceito de superexploração do trabalho, mostram-se cada vez mais como tendências centrais para a extração de mais-valia em todos os cantos do planeta, bem como da equalização mundial do valor da força de trabalho para baixo, o que torna a correta disseminação e desenvolvimento da superexploração do trabalho uma importante arma teórica para a classe trabalhadora.

Bibliografia

- AMARAL, Marisa e CARCANHOLO, Marcelo A superexploração do trabalho em economias periféricas dependentes. *Revista Katálisis*. Florianópolis v. 12 n. 2 p. 216-225 jul./dez. 2009.
- ANTUNES, Ricardo. *Os sentidos do trabalho*. São Paulo: Boitempo, 2003, 264 p.
- BORBA, Jason Tadeu e CASSEB, Norma Cristina. Mais-valia absoluta e mais-valia relativa: uma reflexão sobre a periodização da acumulação de capital no Brasil. *Anais do XIV Encontro Nacional de Economia Política*, São Paulo/SP, realizado de 09/06/2009 a 12/06/2009.
- CARCANHOLO, Marcelo. Dialética do desenvolvimento periférico: dependência, superexploração da força de trabalho e política econômica. *Revista de Economia Contemporânea*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 247-272, maio/ago. 2008.
- DAL ROSSO, Sadi. *Mais trabalho! A intensificação do labor na sociedade contemporânea*. São Paulo: Boitempo, 2008 (Mundo do Trabalho), 207 p.
- GRACIOLLI, Edílson e DUARTE, Pedro. Da relação entre a superexploração do trabalho e a política sindical no Brasil: notas para uma discussão. *Anais do 6º Colóquio Internacional Marx e Engels*, Campinas, 2009.
- HARVEY, David. *Condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARINI, Ruy Mauro. *Dialética da Dependência*. Petrópolis: Vozes/ Buenos Aires: Clacso, 2000. Ediciones Era, México, 1991a.
- _____. En torno a Dialéctica de la dependencia. In: *Dialéctica de la dependencia*, Ediciones Era, México, decimoprimerá reimpresión, 1991b.
- _____. Las razones del neodesarrollismo (respuesta a F. H. Cardoso y J. Serra). *Revista Mexicana de Sociología*, número especial, Facultad de Ciencias Políticas y Sociales, UNAM, México, 1978.

- _____ Crisis, cambio técnico y perspectivas del empleo. *Cuadernos CIDAMO*, número 9, s/f., México, 1982.
- _____ *Subdesarrollo y revolución*, Siglo XXI Editores, México, (quinta edición) 1974.
- MARTINS, Carlos. A superexploração e os novos padrões de reprodução da força de trabalho na América Latina. *Anais do IV Encontro Nacional de Economia Política*, Porto Alegre/RS, de 01/06/1999 até 01/06/1999.
- OSÓRIO, Jaime. Crítica de la economía vulgar Reproducción del capital y dependencia. *Colección América Latina y el Nuevo Orden Mundial*. México: Miguel Ángel Porrúa, 2004.
- VALENCIA, Adrián Sotelo. Superexplotación del trabajo y nuevas periferias en la economía mundial. *Rebellion*, 11-11-2009. Disponível em <http://www.rebellion.org/noticia.php?id=94976> acesso em 11/03/2010.
- VASAPOLLO, Luciano. *O Trabalho Atípico e a Precariedade*. São Paulo, Editora Expressão Popular, 2005, 117p.